

O ESTUDO DO TEMPO NA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos¹

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
E-mail: felipe_cass@hotmail.com

Resumo

O texto apresentado surge como uma crítica ao distanciamento atual na Geografia de estudos relacionados ao tempo. Pouco tem sido visto pesquisas que deixam exposto o uso do tempo como alternativa de debate e que seja útil na relação homem e espaço, sendo este último muito mais utilizado pela sua amplitude de relações. Ao destacarmos o uso da Geografia Histórica, buscamos apresentar uma disciplina que consiga correlacionar geografia e tempo, através da História, surgindo como potencial solução para tal questão. Esta reflexão advém da potencialidade que o tempo possui como método de entendimento do presente, através de uma correlação com o passado e uma construção direcionada ao futuro.

Palavras-chave: Tempo; atualidade e modernidade.

EL ESTUDIO DEL TIEMPO EN LA ACTUALIDAD: UN ANÁLISIS CRÍTICA

Resumen

El texto presentado surge como una crítica al distanciamiento actual en la Geografía de estudios relacionados al tiempo. Poco se ha visto investigaciones que dejan expuesto el uso del tiempo como alternativa de debate y que sea útil en la relación hombre y espacio, siendo este último mucho más utilizado por su amplitud de relaciones. Al destacar el uso de la Geografía Histórica, buscamos presentar una disciplina que pueda correlacionar geografía y tiempo, a través de la Historia, surgiendo como potencial solución para tal cuestión. Esta reflexión viene de la potencialidad que el tiempo tiene como método de entendimiento del presente, a través de una correlación con el pasado y una construcción dirigida al futuro.

Palabras – clave: Tiempo; actualidad y modernidad.

THE STUDY OF TIME IN CURRENT: A CRITICAL ANALYSIS

Abstract

The text presented appears as a criticism of the current distance in the Geography of studies related to the time. Little has been seen research that exposes the use of time as an alternative to debate and that is useful in the relationship between man and space, the latter being much more used for its range of relationships. When highlighting the use of Historical Geography, we seek to present a discipline that can correlate geography and time, through History, emerging as a potential solution to such an issue. This reflection comes from the potentiality that time has as a method of understanding the present, through a correlation with the past and a construction directed to the future.

Keywords: Time; timeliness and modernity.

Introdução

Iniciamos nosso debate destacando que faremos uma análise do estudo do tempo no âmbito da pesquisa geográfica, principalmente nas destinadas ao entendimento da expansão das cidades através do avanço do meio técnico-científico-informacional. Tal visão não desmerece as indagações sobre o tempo em disciplinas como a física, filosofia e etc., mas optamos por este entendimento como uma análise mais crítica da fase atual.

A categoria do tempo possui uma infinidade de vertentes, sendo que na geografia é muito utilizado o tempo histórico, devido a sua característica de relacionar presente e passado permitindo inclusive uma visão de futuro.

Entretanto, devido ao imediatismo existente no que se refere ao uso da informação, sua compreensão e divulgação, o entendimento temporal tem sido colocado de lado nas pesquisas da área geográfica, já que o encurtamento do tempo para tais atitudes é priorizado com relação à difusão e elaboração das pesquisas.

Muito desta reflexão advém do uso articulado entre espaço e tempo para a realização de análises que demandem um estudo histórico, por exemplo, o que tem relegado aos pesquisadores uma amplitude para o uso do conceito de espaço, que tem sido bem mais utilizado nas pesquisas contemporâneas.

Mesmo com o advento da Geografia Histórica como forma de análise de compreensão, por exemplo, das cidades, como Mauricio de Almeida Abreu realizou e Pedro Vasconcelos vem construindo nos últimos anos, há uma subvalorização do uso do tempo para as pesquisas na geografia, devido à falta de aprofundamento do entendimento dela.

Com o avanço das pesquisas e a diminuição do tempo para a obtenção da informação, destacamos a necessidade de entender como esta dinâmica atual tem modificado a percepção dos estudos relacionados ao tempo. Consideramos que os avanços vistos hoje, por exemplo, na tecnologia, devem servir como um modelo de uma nova compreensão do uso do tempo, visando expandir as probabilidades de estudo.

Iniciaremos nosso debate elencando três momentos que concordamos serem fundamentais para a compreensão do estudo do tempo na geografia, visando contextualizá-los de forma que possam ser fundamentais para a defesa de nossas indagações com relação ao uso do tempo nos estudos geográficos.

Posteriormente, faremos uma breve explanação sobre o dinamismo que o meio técnico-científico-informacional tem proporcionado na dinâmica mundial necessitando de

uma atenção com relação ao uso do tempo na pesquisa geográfica, concentrando-se na problemática de tal questão e sua possível solução dentro de uma disciplina geo-histórica.

Apresentaremos ainda nossas considerações finais, que não visam encerrar a temática abordada, mas sim, abrir novas frentes de questionamentos com relação ao uso do tempo na pesquisa geográfica, diante de um mundo globalizado e tecnológico que demanda uma compreensão mais detalhada.

Com isso, tentaremos elencar as possibilidades que podem motivar o uso do tempo no âmbito da Geografia, buscando incitar um debate que não está plenamente presente na atualidade, devido à fluidez das ações e das informações.

Reflexões sobre o estudo do tempo na geografia humana: do materialismo histórico dialético aos estudos na Geografia brasileira

Entender como se iniciou as primeiras análises voltadas para o estudo do tempo na Geografia não é uma tarefa simples dentre a variabilidade de compreensões que este conceito possui na área geográfica. Para tal, iremos contextualizar o debate apontando os momentos que consideramos fundamentais para entender como se iniciou e desenvolveu os primeiros estudos voltados ao tempo.

Partindo de um contexto mais estrutural, podemos compreender que o conceito de tempo possui uma infinidade de definições e entendimentos em várias áreas: na filosofia através das ideias de Kant, na física com as teorias de Newton e de Einstein e até mesmo nas ideias de Santo Agostinho e sua percepção mais futura sobre o tempo.

Todas essas análises permitiram construir uma ideia relacionada ao tempo para os estudos da Geografia, entretanto, consideramos que ela começou a ter um peso significativo a partir das concepções materialistas dialéticas sobre o tempo, com os escritos de Marx e Lênin com relação ao tema.

Com a inserção do trabalho industrial, mediante uso de trabalho braçal (na maioria dos casos infantil e feminino), se tornou necessário um aprofundamento do que seria o entendimento desta exploração através de um contexto histórico, realizado pelos seguidores da ideologia marxista.

Esta exploração da classe trabalhadora demandou uma análise mais aprofundada das medidas verticais oriundas da burguesia, o que suscitava uma análise pautada na compreensão do espaço e do tempo estabelecidos nestas relações de trabalho, o que geralmente apresentava uma divergência nas atividades de ambas as classes: uma com grandes rendimentos e com boa qualidade de vida e, a outra totalmente explorada e doente.

Para melhor explicar qual seria a compreensão sobre o tempo na teoria materialista dialética Salvi (1993, p. 52) traz uma reflexão que melhor define o tempo através desta teoria:

O tempo é uma realidade objetiva, que independe da consciência humana, possuindo propriedades mensuráveis. É unidimensional e irreversível, movendo-se do passado ao futuro e jamais regressando ao passado novamente [...] O espaço e o tempo formam entre si uma unidade, não podendo haver acontecimentos no espaço que não sejam transcorridos no tempo.

Espaço e tempo não estão dissociados de suas interações, onde tanto um quanto o outro possuem influência direta nas atividades que ocorrem entre si, principalmente se elas fossem fatores que culminassem no estabelecimento das relações sociais, ou seja, tanto tempo quanto espaço possuem conexões diretas e não podem ser pensados separadamente.

Esse pensamento a partir da dinâmica materialista dialética é principalmente pautado nas relações de trabalho existente na época, em que a teoria marxista visava apontar os abusos cometidos pela burguesia contra a classe trabalhadora, constituindo um movimento socialista que buscava na sua contextualização histórica um posicionamento adequado das suas teorias.

Tais reflexões são baseadas no modo de produção capitalista que, além de atuar no modo de agir no espaço e no tempo, também possui a capacidade de atuar perante a forma de pensar, sendo que o debate relacionado a eles é focado na superação das concepções imposta pelo modelo capitalista, visando não impor ao trabalhador as ideias da burguesia, que a explora constantemente (OLIVEIRA, 1988).

Ou seja, é perceptível que a influência do modo de produção capitalista na compreensão do que seria o tempo é latente. Logo, a atuação do materialismo dialético possui interferência nas concepções até então vigentes, suscitando também pontos que dialogavam com as teorias dialéticas, porém apresentavam novas possibilidades de compreensão do tempo na Geografia.

Esta preocupação com o cotidiano das famílias despertou o interesse do sueco Torsten Hagerstrand (1916 – 2004) e seu modelo têmporo-geográfico de vivência. As motivações do autor eram bem específicas, conforme Pred (1985, p. 299) destaca:

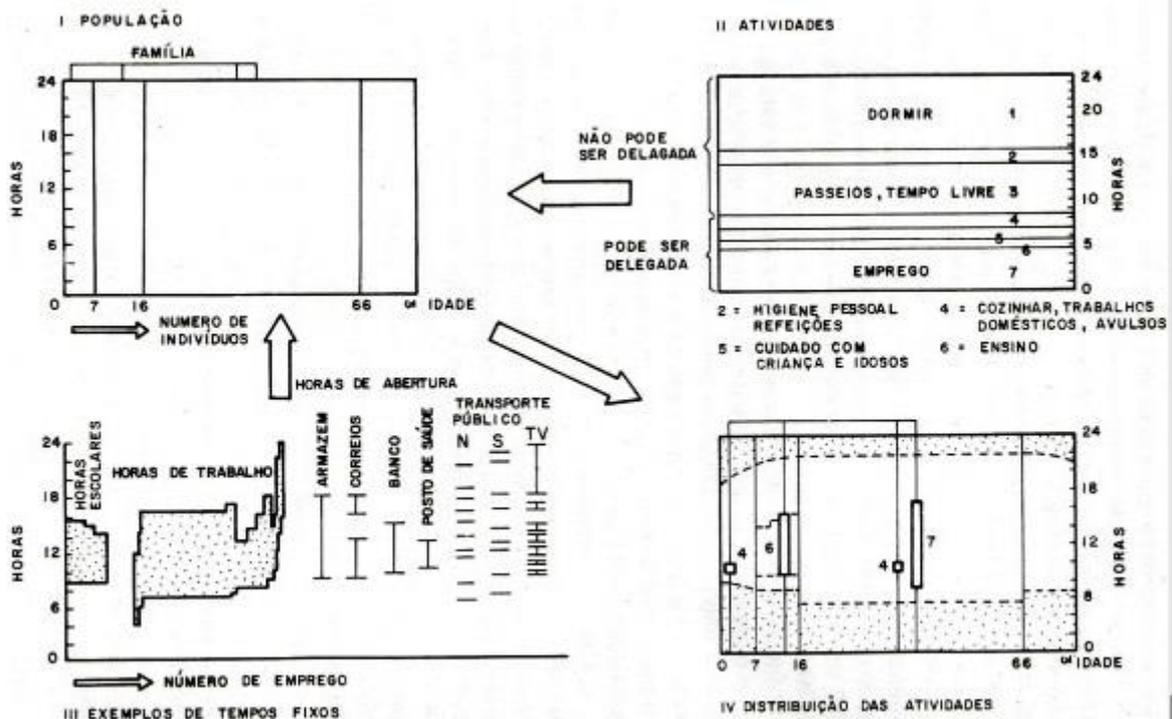
O problema básico do futuro, como visto por Hagerstrand, é como a sociedade deveria estar organizada e como qualquer padrão de povoamento deveria estar estruturado a fim de propiciar uma existência diária “habitável” para o indivíduo.

Hagerstrand buscava criar um roteiro que representasse como o indivíduo poderia viver cotidianamente perante a sociedade de forma que conseguisse trabalhar, descansar e ter

momentos de lazer. Era evidente a preocupação deste geógrafo com relação ao futuro, devido ao aumento populacional das cidades e a capacidade limitada do poder público em lidar com tal momento, assim como o trânsito de veículos cada vez maior nas cidades e etc.

Para representar como seria este modelo têmporo-geográfico de vivência, ele apresentou alguns gráficos que elaborou em conjunto com sua equipe, conforme a figura 1 apresenta:

Figura 1 – Gráfico de um modelo têmporo-geográfico de Hagerstrand.



Fonte: Extraído de Pred (1985).

Pela figura 1 podemos destacar a inten o de Hagerstrand em criar um modelo de vida que pudesse ser fundamental para o dia a dia do trabalhador, tanto dividido em atividades individuais quanto de caráter coletivo. Pontos como passeios, lazer, dormir, uso do tempo livre, etc., são primordiais para uma vivência salutar, conforme o mesmo destaca na parte de que essas atividades “não podem ser delegadas”.

Com rela o às a o es que demandam mais esforço físico e mental, como trabalhar, atividades domésticas e os estudos, podem ser “delegados” em prol da preven o da saúde

do indivíduo. Importante salientar também que atividades como ir aos correios, banco, armazém, posto de saúde e uso do transporte público, deve ter sua frequência reduzida, evitando que o estresse aumente e comprometa a saúde da pessoa.

Salvi (1993, p. 82) traz uma reflexão mais profunda das intenções de Hagerstrand com relação a suas ideias com estes gráficos, onde ela destaca que:

O trabalho de Hagerstrand exemplificou o desenvolvimento de uma geografia que considerou a dimensão psicológica e antropológica na perspectiva espacial do indivíduo e das coletividades, originando, ainda, a geografia do tempo, que se baseia em análise orçamentárias do tempo e na alocação temporal na economia.

Ou seja, Hagerstrand esteve pautado na missão de compreender tanto as dinâmicas econômicas do tempo como a relação que elas possuem no dia a dia do indivíduo, criando a Geografia do Tempo, abordando uma análise tanto pessoal quanto em um âmbito mais coletivo.

Os estudos deste autor foram fundamentais para abordar o estudo do tempo na Geografia, porém, dentro de todo o debate referente à New Geography, não teve avanços com relação a suas postulações.

Com relação ao Brasil, destacamos as atividades relacionadas ao estudo do tempo a partir das análises realizadas por Milton Santos (1926 – 2001). Crítico da globalização, principalmente com relação a sua presença nos países subdesenvolvidos, o autor utilizou o tempo como forma de levantar o debate referente à compreensão da produção do espaço, principalmente das cidades, que se modernizavam e não tinham, pelo poder público, uma atenção com relação a essas modificações.

Salvi (1994, p. 254) traz uma análise do pensamento de Milton Santos com relação ao tempo e ao espaço:

Para Milton Santos, a compreensão dos fenômenos só é possível a partir de um enfoque espaço-temporal, onde o tempo se estabelece a partir da noção de espaço relativo (“um sistema de relações, um campo de forças”). Assim, o tempo é tido como uma variável geográfica, não sendo um conceito absoluto, mas relativo: não sendo uma forma perceptiva e, sim, concreta; não sendo seccionado e, ainda, dotado de características particulares.

Milton Santos buscou contextualizar a relação espaço-tempo mediante os fenômenos, sempre relacionando as atividades no tempo como fundamentais para a compreensão do espaço. Seus estudos avançaram no decorrer de sua trajetória acadêmica e o autor buscou

destacar essa interação espaço e tempo como forma de entender as realidades, por exemplo, das cidades dos países subdesenvolvidos que ele estudava.

Deste modo, o autor utilizou da relação espaço e tempo como forma de criticar o conceito de meio técnico-científico-informacional elaborado por ele, onde o autor enxergava a transformação da sociedade global perante a tecnologia, apontando suas críticas a este fato e evidenciando a compressão do tempo em detrimento da velocidade da tecnologia.

A influência do meio técnico-científico-informacional e o uso do tempo na contemporaneidade: problemática e uma solução (?)

A dinâmica recente de pesquisa na Geografia tem trazido novas formas de compreensão nos estudos relacionados ao uso do tempo. A velocidade no acesso a informação tem diminuído drasticamente e há a necessidade de compreender o tempo como fator base para o entendimento das realidades, o que é desconsiderado em muitas pesquisas geográficas.

Tal ponto é possível de ser destacado quando verificamos o intenso processo de globalização que temos visto, com a disseminação cada vez maior e em um curto prazo, de inúmeros modelos de produção, por exemplo, que reduz cada vez mais o tempo de realização de tarefas, do seu transporte, de sua divulgação, no seu processo de elaboração, etc.

Se formos reduzir para compreender melhor como esta relação tempo e homem tem se dado ultimamente no âmbito da geografia, iremos constatar que a distância da informação tem sido diminuída devido à capacidade de distribuí-la de forma mais rápida, tornando esta extensão mais absorvida, ou seja, temos uma complexidade do espaço que culmina em uma modificação do/no tempo (ALMEIDA, 1982).

Esta reflexão é percebida quando destacamos que, a fluidez de informações, transforma uma gama maior de relações do homem com seu espaço, suscitando a necessidade da realização de uma análise na escala do tempo. Assim, a análise a partir da dinâmica temporal permite que seja compreendida uma amplitude maior das relações, entendendo desde a realidade local até a de outros países.

Concordamos com Almeida (1982, p. 10 – 11) quando o autor destaca que:

Mesmo que certas referências procedam de modelos empíricos, desenvolvidos no início do século (Christaller, Weber e outros), o sucesso desta geografia (ou apenas técnicas geográficas no interior de diferentes modelos?), reflete, sem qualquer traço de dúvida, um mundo cada vez mais complexo, em processo de continuidade espacial e unificação das heterogeneidades (necessidades de uma síntese da complexidade?), assim como das relações socioeconômicas, cada vez mais densas e materialmente no es-

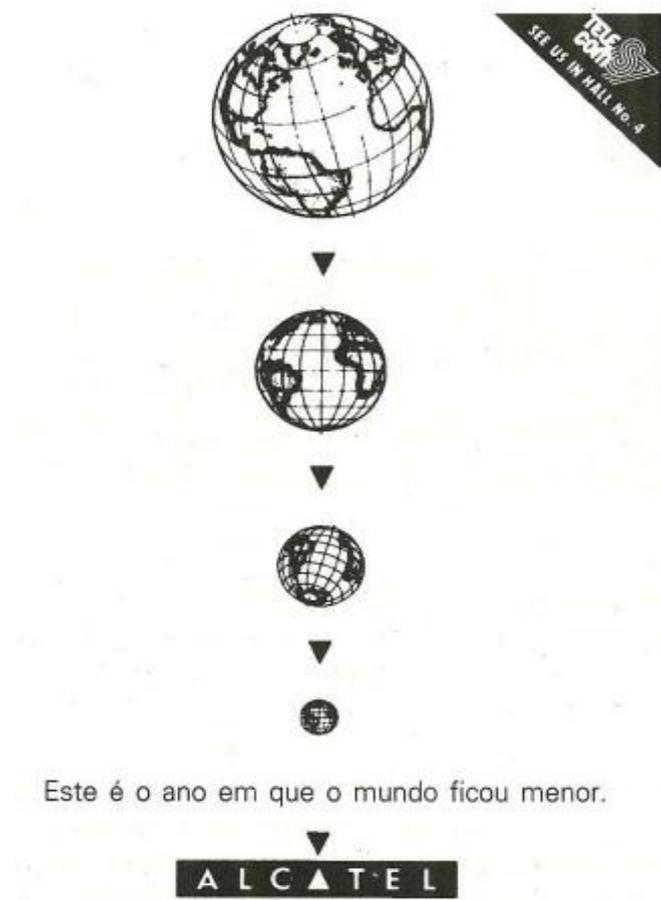
paço imbricadas, estabelecidas entre os lugares e os homens. Essa evolução, note-se, não teria sido possível sem os avanços das técnicas quantitativas das quais o computador é hoje a expressão máxima.

Neste ponto, é interessante salientar a posição do autor referente à evolução das relações através das técnicas, onde ele traz que o computador seria o seu maior expoente. Esta reflexão advém da velocidade que, no exemplo dele, este aparelho tecnológico pode trazer disseminando o acesso a informação, encurtando o espaço, tornando-o complexo e alvo de inúmeros questionamentos diante dos estudos na Geografia.

Tal ponto é evidenciado quando pensamos que, o espaço é dinâmico assim como as inovações que surgem a cada instante, já que, a velocidade delas induz a rápida modificação espacial, fazendo com que os caminhos sejam encurtados e pessoas sejam aproximadas de um dia para o outro (SANTOS, 2002).

Esta questão da influência da tecnologia no encurtamento do tempo pode ser observada a partir da figura 2:

Figura 2 - Ilustração da empresa Alcatel sobre a diminuição do mundo através do avanço da telefonia celular



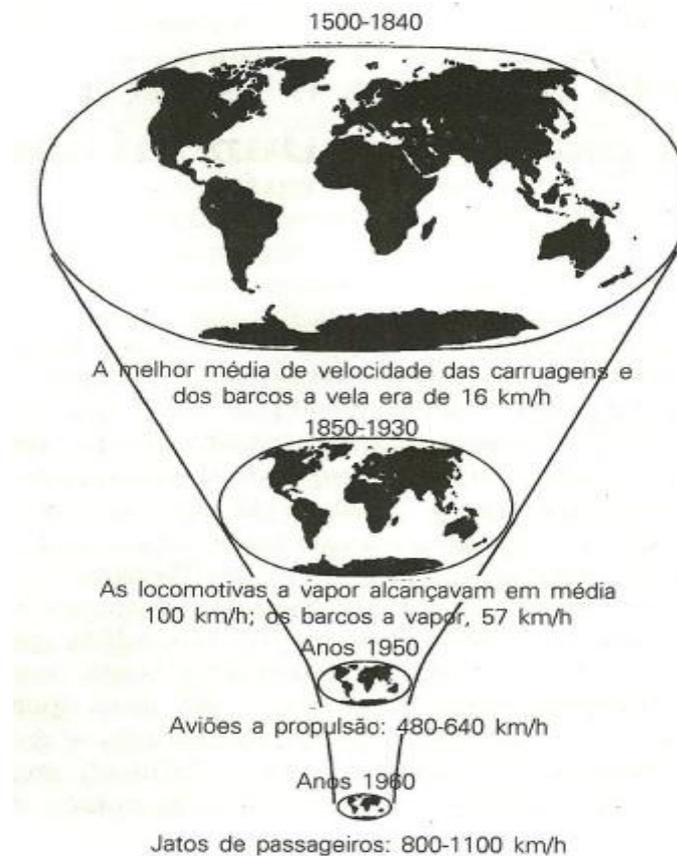
Fonte: Extraído de Harvey (1992).

Mediante a figura 2 podemos destacar como uma empresa de telefonia celular ilustra que, sua atividade no âmbito da comunicação, permitiu o encurtamento das distâncias através do uso de um aparelho que se moderniza a cada instante e tem se tornado indispensável no cotidiano das pessoas.

Tal fato não é dispensável, já que pela figura 2, temos o mundo diminuído pelo uso do celular, algo que tem acontecido graças ao uso conjunto com a internet, que tem conectado várias pessoas em várias partes do mundo em uma velocidade cada vez maior, o que suscita a relativa diminuição no tempo dessas relações.

Mas esse encurtamento no tempo não está somente verificado no que tange a comunicação através da internet e do uso do celular. Se formos realizar uma análise histórica, iremos destacar que a modernização da locomoção também se tornou fator principal para que pudéssemos conferir como o tempo também tem se encurtado na dinâmica diária da população, conforme a figura 3 destaca:

Figura 3 – O encolhimento do mundo mediante a inovação dos transportes.



Fonte: Extraído de Harvey (1992).

Pela figura 3 podemos observar como o avanço no transporte tornou-se fundamental para que as distâncias pudessem ser reduzidas. No século XVI, os barcos realizavam as atividades comerciais em uma velocidade que demandavam meses e até anos para chegar ao seu destino final, algo que nos anos 1960 foi totalmente revolucionado com os jatos, que alcançam velocidades muito maiores, economizando tempo e permitindo chegar a lugares mais distantes.

O avanço da tecnologia, tanto no setor da comunicação quanto no setor dos transportes foram fundamentais para a compreensão de um espaço-tempo mais fluído, dinâmico e espacializado, porém, menos reflexivo, já que o tempo mais rápido não permite uma análise mais fundamentada; menos democrático, já que o acesso não é total dentro uma sociedade que leva a renda como fator social e, até mesmo nocivo, já que o tempo diminuído não permite uma vivência saudável da população, havendo a necessidade de um modelo tempo-geográfico de vivência, conforme já debatemos.

Este avanço que elencamos possui um fator que caracteriza bem este período: a presença do meio técnico-científico-informacional. Ele possibilita uma nova vivência do cotidiano através das suas inúmeras modificações, conforme Santos (2004, p. 45) aponta:

O meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais.

Compreende-se que este meio possibilita uma nova configuração nas relações homem, espaço e tempo representando uma nova forma de entender sua vivência, a partir da influência dos atores hegemônicos que não se limitam apenas a um modelo de interação econômica, geralmente local ou até mesmo internacional, alcançando outros pontos, tornando-se mundial.

Assim, o meio técnico-científico-informacional possui a especificidade de ampliar suas atividades devido ao seu caráter predominante, onde condensa uma série de relações estabelecidas a partir do avanço no setor tecnológico, que não se limita a uma área específica e alcança outros setores, como o científico, por exemplo.

Neste ponto, concordamos com Sposito (2003, p. 100) onde o autor faz uma reflexão sobre o entendimento do tempo e do espaço nessa percepção de dinamização das atividades no presente perante as atividades voltadas à ciência:

As categorias tempo e espaço (ou espaço e tempo, a ordem não interessa nesse caso) condicionam a compreensão da realidade, sobretudo no momento atual, quando o avanço científico que permite grande velocidade na

circulação das comunicações deflagra novos paradigmas para a compreensão das escalas que afetam o espaço e o tempo e, conseqüentemente, a vida cotidiana das pessoas nos mais distantes territórios do planeta.

Essa problemática do avanço científico em seu âmbito tecnológico contribui para a formulação de concepções acerca do uso do tempo como, por exemplo, limitando seu entendimento de forma mais abrangente, direcionando para uma área específica, o que culmina numa redução de sua importância conceitual.

Esta dificuldade de compreensão do tempo dentro da modernidade advém da fluidez que o momento atual permite, já que as reflexões são rapidamente sistematizadas, porém, dificilmente é possível fazer uma análise completa dentro de uma temporalidade que exige uma rapidez de pensamento, o que torna o entendimento do tempo uma difícil tarefa (SALVI, 1993).

A padronização das ações para o encaixe científico no imediatismo não permite que seja efetivado um entendimento acerca do tempo que já passou, desconsiderando toda a carga histórica deixada no pretérito e a possibilidades que ela pode apresentar de novas frentes de entendimento.

E como esta carga é muito ligada ao vínculo com o passado, temos a importância da trajetória histórica que surge para organizar o espaço apresentando as memórias e heranças que são trazidas neste caminho através do tempo (CORREA, 2016).

A carga advinda com a temporalidade dos fatos interessa diretamente para o geógrafo, já que é ela que contribui para o entendimento da organização espacial, fundamental nas pesquisas recentes e que tem demonstrado inúmeras vertentes devido ao uso do tempo.

Assim não podemos separar espaço do tempo, nem mesmo desconsiderar somente o estudo de uma vertente, como é feito nos estudos atuais. Uma não está distante da outra, mesmo que a velocidade, mediante a modernização, modifique profundamente o espaço social; neste caso o tempo surge como meio de compreensão a partir da análise histórica dos fatos.

E como a geografia poderia compreender essas novas interações existentes através do tempo de forma que possa deixar com clareza as intenções das relações sociais, dinamizadas através do meio técnico-científico-informacional, que reduziu e tornou o espaço-mundo e o tempo-mundo?

E como compreender esta dinamização das informações e do campo tecnológico, que influi nos mais variados setores (científico, econômico e agrário) em países ainda em subdesenvolvimento, como no caso do Brasil?

Como alternativa para tal questão temos nos anos 1970 o surgimento da Geografia Histórica, que já havia sido difundida na Europa e chegou mais tardiamente ao Brasil. Com a intenção de realizar o resgate das ações pretéritas, a disciplina busca realizar a ponte que liga passado e futuro, com o enfoque de unir as espacialidades e as temporalidades para tal feito (ERTHAL, 2003).

Apontar esta disciplina como uma alternativa para as pesquisas geográficas surge como uma possibilidade de compreensão do tempo histórico frente às análises realizadas em todos os âmbitos, entendendo que há sim uma opção viável de estudo na Geografia que permite essa compreensão do tempo nos estudos geográficos.

Erthal (2003, p. 30) faz uma análise crítica sobre a visão dos geógrafos para com a Geografia Histórica:

Embora pouco difundida e até mesmo em certos momentos, marginalizada pelos próprios geógrafos, a Geografia Histórica, em seu trajeto de construção, foi tida como disciplina autônoma, como apêndice da história e, também, como campo da antropologia. Os seus praticantes, porém, foram direcionando, por compatibilização, tal saber ao campo geográfico.

A influência que a Geografia Histórica possui é definida pela sua possibilidade de realização das análises a partir de um contexto que possa fazer a ligação entre as relações espaciais mediante a temporalidade dos fatos, onde não há o afastamento dos acontecimentos para entender o todo, sendo necessária uma periodização dos fatos para o entendimento.

No âmbito urbano podemos destacar as atividades de Maurício de Almeida Abreu¹ e Pedro de Almeida Vasconcelos², que foram fundamentais para a compreensão das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, a partir da contextualização histórica que suas obras apresentaram, realizando uma análise crítica a partir desta historicidade.

Assim sendo, temos visto o avanço que os estudos na Geografia têm participado, denotando a importância de utilizar os mais variados conceitos para contribuir com o seu avanço, algo que com o tempo não é diferente frente à evolução tecnológica experimentada contemporaneamente.

Essas novas frentes de estudo surgem como resposta à possibilidade de uso deste conhecimento, no caso da geo-história, precisando de um embasamento teórico metodológico viável para o entendimento do tempo na Geografia.

¹ Importante autor de obras destinadas a Geografia Urbana Histórica, principalmente para a cidade do Rio de Janeiro. Destacamos as obras *Evolução Urbana do Rio de Janeiro* (1987), *Sobre a memória das cidades e Geografia Histórica do Rio de Janeiro – 1500 – 1700* (2010)

² Enfocou sua pesquisa em compreender a cidade de Salvador através da Geografia urbana histórica. Destacam-se suas obras *Salvador: transformações e permanências* (1999) e *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*.

Mesmo que o meio técnico-científico-informacional tenha sido apropriado pelos atores hegemônicos e modificado constantemente o cotidiano da população mundial, vemos que o tempo ainda possui importância no tocante a compreender essa nova realidade global, de intensa presença tecnológica em todos os campos.

Considerações finais

A fundamentação que os estudos destinados ao tempo possuem é oriunda da necessidade de se compreender o presente mediante os fatos do passado, buscando um futuro que se baseia na possibilidade de melhoria através destes entendimentos a partir do tempo.

O tempo e o espaço mediante a análise materialista dialética de Marx representou uma nova forma de entender as realidades da classe trabalhadora desde a análise histórica da exploração da burguesia, ou seja, o tempo surgiu como forma de combater este abuso.

Os postulados de Hagerstrand através da Geografia do Tempo apresentaram a possibilidade de criação de um modelo de vida para os indivíduos, com a elaboração de gráficos de comportamento que ditavam o cotidiano deles em busca de uma qualidade de vida, já denotando a preocupação com a intensidade que o tempo possuía na sociedade.

Os estudos de Milton Santos e a influência que o meio técnico científico-informacional possui com relação a este dinamismo na troca de informações devem ser analisados quando elaboramos nossas considerações acerca da atual realidade do mundo, que se encurta cada vez que este meio se moderniza.

O estudo do tempo como forma de compreensão do espaço tem sido desconsiderado devido à intensidade das trocas de informações realizadas contemporaneamente, o que contribui para encurtar os conhecimentos temporais das temáticas abordadas na Geografia.

Tal questão culmina na fragmentação das informações diante da amplitude de possibilidades de debates que temos, frente a uma análise pretérita dos fatos, articulando as escalas espaço e tempo mediante um debate fluído e acessível atualmente.

Isso decorre da diminuição das distâncias, da expansão da informação frente à velocidade dela e do acesso permitido oriundo da modernidade tecnológica. Porém, algo que deveria contribuir para a divulgação maior da necessidade de ser debater o tempo na geografia, tem encurtado o diálogo e isolado esta opção em detrimento da rapidez dos enfoques.

Mesmo a Geografia Histórica não consegue dar conta de trabalhar esta problemática, surgindo como possibilidade de resolução, porém, ainda distante de ser uma expectativa plenamente clara e resolutiva, dado ao seu uso restrito em algumas pesquisas.

Buscamos aqui elevar um debate que surge como crítica ao momento atual de distanciamento do tempo como teoria e metodologia em virtude da modernização vigente. Este encurtamento e afastamento do tempo pode prejudicar a análise completa dos estudos na Geografia, o que demanda uma atenção aos geógrafos.

Pelo exposto, não visamos encerrar o debate, mas fomentá-lo para que possa servir de reflexão no âmbito geográfico, que, na mesma proporção utiliza do espaço para compreensão das relações e que deveria utilizar o tempo devido ao seu potencial histórico, que analisa o passado, compreendendo o presente e refletindo sobre o futuro.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Hélio Romito. A Geografia: Espaço e Tempo. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis/SC. v.2, n.3,1982. p. 7 – 15.

BARROS, José D'Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. **VARIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte/MG, vol. 22, nº 36: 2006. p. 460-476.

BRAUDEL. Fernand. A longa duração. **Revista de História**. São Paulo/SP. v.30, ano 15, nº 62. 1965. p. 261 – 294.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço e o Tempo sociais no cotidiano. Simpósio Nacional de Geografia Urbana. 3. 1993. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UFRJ/ IBGE/ CNPQ. 1993. p. 93 – 98.

CASTRO, Iná Elias de. Tempo e Espaço no cotidiano urbano: Uma introdução. Simpósio Nacional de Geografia Urbana. 3. 1993. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UFRJ/ IBGE/ CNPQ. 1993. p. 91 – 92.

CORREA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo/SP. v. 94, 2016, p. 1-11.

_____. Espaço e Tempo: Um tributo a Mauricio Abreu. **Cidades**. Presidente Prudente, v. 8, n. 14, 597 – 607. Julho a Dezembro. 2011.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica – considerações. **GEOgraphia**, Ano V, nº 9, 2003, p. 29 – 39.

HAESBAERT, Rogério. Limites no espaço-tempo: a retomada de um debate. **Revista Brasileira de Geografia**. [S.l.], v. 61, n. 1, 2016, p. 5-20, jul.

HARVEY, David. A experiência do espaço e do tempo. In:_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1992, p. 185 – 276.

JÚNIOR, Alfredo Pereira. A percepção do tempo em Husserl. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 13: 1990, 73 -83.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Espaço e Tempo: Compreensão materialista dialética. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo. Ed. Hucitec. 2 ed. 1988. p. 66 – 110.

PRED, Alan. O modelo “têmporo – geográfico” da Sociedade, de Hagerstrand. In: Christofolletti, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo. Difel. 2. ed. 1985. p. 299 – 318.

RIBEIRO, Wagner Costa. Relação espaço/tempo: Considerações sobre a Materialidade e dinâmica da história humana. **Revista Terra Livre**, São Paulo, 4: 1988, p. 39 – 53.

SALVI, Rosana Figueiredo. **Estudo do tempo na Geografia Humana Brasileira como categoria de método**. 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

_____. Os Estudos do Tempo na Geografia Humana Brasileira. **Semina: Ci. Soc. Hum.**, Londrina/PR, v. 15, n. 3, set. 1994. p. 250-259.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio – técnico científico informacional**. São Paulo. 2ª Ed. Hucitec. 2004.

_____. A noção de tempo nos estudos geográficos. In: _____. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002. p. 249 – 260.

_____. Tempo (os eventos) e o espaço. In: _____. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo. EDUSP. 2002. p. 143 – 165.

_____. Relações Espaços-Temporais no Mundo Subdesenvolvido. **Seleção de Textos**, São Paulo, v. 1, p. 17-23, 1976.

SERRA, Elpídio. Noções de “espaço” e de “tempo” em Geografia. **Boletim de Geografia**. Maringá/PR. v.2, n. 2, 1984, p. 3 – 16.

SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado: Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Revista Terra Brasilis**. São Paulo/SP. (nova série 1). p. 1 – 17. 2012.

SILVA, Ana Cristina. Espaço, Tempo e Território na Geografia brasileira contemporânea. In: **IX Semana de Geografia, IV Encontro de estudantes de licenciatura em Geografia "Território: Pensar e Atuar"**. FCT Unesp Presidente Prudente/SP, 2008, Presidente Prudente/SP.

SOUZA, Marquessel Dantas de. A geografia e o estudo do espaço e do tempo: a contribuição de outras ciências (uma nota crítica). **Rev. Tamoios**. São Gonçalo/RJ, n. 2, p. 102-112. 2015.

SPOSITO Eliseu Savério. Conceitos. In: _____. **Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 88 – 100.

Sobre os autores (Informações coletadas do Lattes em 24/03/2019)

Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela FCT UNESP - Campus de Presidente Prudente/SP. Licenciado e estudante de bacharelado da Faculdade de Ciência e Tecnologia Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente - SP. Integrante dos grupos de pesquisa **GASPERR** (Grupo de Pesquisa de Produção do Espaço e Redefinições Regionais) e **CEMESPP** (Centro de Estudos e de Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas). Desenvolve trabalho no âmbito da produção do espaço urbano, com destaque para as políticas habitacionais, com ênfase na presença do consumo e do crédito nas mesmas.

Como citar esse artigo

SANTOS, C. A. S. F. O Estudo do Tempo na atualidade. In: **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 03, n. 10, p.73-88, jan-abr, 2019.

Recebido em: 2019-01-04
Devolvido para revisão: 2019-02-04
Aceito em: 2019-02-11